

Viagens da Saudade

Coordenação

Maria Celeste Natário

Paulo Borges

Luís Lóia

Organização

Cláudia Sousa

Nuno Ribeiro

Rodrigo Araújo

Porto

2019

FICHA TÉCNICA

Título: **Viagens da Saudade**

Coordenação: Maria Celeste Natário
Paulo Borges
Luís Lóia

Organização: Cláudia Sousa
Nuno Ribeiro
Rodrigo Araújo

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2019

ISBN: 978-989-8969-26-2

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-26-2/viag>

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1671&sum=sim>

Hugo Monteiro*

Sempre, Novamente, Outra Vez...A Saudade! Variações (Est)éticas em Torno de *O Bailado*

Resumo: Este texto incide na relação entre Saudade e distância. Com particular atenção a *O Bailado*, de Teixeira de Pascoaes, aborda-se a Saudade como experiência estética e literária do tempo, da ausência e da distância. A «viagem da Saudade» aqui apresentada é, por isso, uma experimentação de possíveis variações de leitura e de possibilidades fenomenológicas e trans-fenomenológicas da Saudade enquanto experiência de criação e de pensamento.

Palavras-Chave: Pascoaes; Tempo; Distância; Saudade.

Saudade... Again, once more, another time! (Esth)etical variations around *O Bailado*.

Abstract: This text focuses upon the relation between Saudade and distance. With special attention to *O Bailado*, by Teixeira de Pascoaes, it addresses Saudade as an aesthetical and literary experience of time, absence and distance. The «voyage of Saudade», as it stands here, regards an experimentation around possible reading variances or phenomenological and trans-phenomenological approaches to Saudade as experience of creation and thought.

Keywords: Pascoaes; Time; Distance; Saudade.

* Doutor em Filosofia, professor na Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto e investigador no Gabinete de Filosofia Moderna e Contemporânea da Universidade do Porto. hugomonteiro@ese.ipp.pt
Escola Superior de Educação do IP Porto. Rua Roberto Frias, 602, 4200-465 Porto (Portugal). Telefone: +351 225 073 460

«Um sorriso foge, voa, percorre o espaço; e, com as asas pulverizadas de luz eterna, pouso-nos na face,
outra vez»²⁸²
«Recorda que chorou quando descobriu a distância»²⁸³

Abertura

Como que numa luta teimosa contra o peso, contra o pesar, contra o próprio pensamento como peso certo e justo, o bailado irrompe na placidez da paisagem. Todo esse desafio face à justa medida da razão, ao peso gravítico – como um instante de luz suspensivo de todas as formas do mundo –, o bailado reclama uma escrita do corpo no espaço desértico. Dança-se, numa fluidez que quase corrige – ou que sempre protesta – os solavancos do mundo, esclarecendo corporalmente o jogo do movimento e da passagem.

Cinzelandando uma epígrafe de onde se parte, a que se regressa, com que se dança, imagine-se então o esboço de uma frase, uma declaração algo agreste perante um tema, um objecto de estudo, um móbil de leitura ou pura e simplesmente um sentimento:

«- *Sempre a saudade! Novamente a saudade! Outra vez a saudade!*»

Poderia ser um triplo lamento de um não-saudosista, como este que aqui escreve ao atentar no sortilégio da palavra e na repercussão do «ismo» em «saudosismo». Ou então um queixume amargurado de alguém que, tomado por luto ou por infortúnio de ausência, lamenta o rumo da sua sorte e destino. Mas poderia também ser uma legenda, uma vinheta, uma proposição ou um triplo enunciado apontando espinosamente para demonstração e corolário. *Sempre a saudade!* Novamente a saudade! *Outra vez a saudade!* Admitamos as exclamações de todas as maneiras: signos de desolação ou juízos de sisudo e cartesiano bom senso. *Mas sempre a Saudade, sempre!*

I - Sempre a Saudade!

Na mais do que famosa polémica entre Pascoaes e António Sérgio, nas páginas da revista *A Águia*, a disputa toca uma das mais citadas aproximações ao conceito de Saudade. Supostamente - e a

²⁸² PASCOAES, Teixeira de, *O Bailado*, Assírio & Alvim, Lisboa 1987, p. 49.

²⁸³ GALEANO, Eduardo, *As palavras andantes*, Antígona, Lisboa 2018, p. 97.

dúvida que reside neste início de frase quase explícita o imbróglio - estaríamos perante uma definição. É que, talvez tomado pela vã tentativa de clarificar a expressão, Pascoaes não se desembaraça de uma fórmula que, na verdade, precede em um ano (1912) o contencioso mantido com Sérgio, desde 1913. Síntese lusa do «sensual» e do «espiritual», mas também alma do novo ímpeto da «Renascença», seria a Saudade «*a velha Lembrança gerando o novo Desejo*»²⁸⁴.

Esta formulação é rampa de lançamento perfeita para uma armadilha retórica por parte de António Sérgio, que age como se estivesse perante uma definição acabada, resolvida e dada como concluída pelo seu autor. Sérgio age – *e pressupõe que Pascoaes age* – como se a Saudade pudesse definir-se *de uma vez por todas*. A combinatória entre a «velha Lembrança» e o «novo Desejo» seria *sempre Saudade; sempre a Saudade* reclamaria esta mecânica, esta seria a sua mais lógica definição, pronta a dar de beber à sede racionalista de Sérgio. Estratégica ou não, esta abordagem indicia o espaço irreduzível entre a delimitação de um território conceptual, idealmente fixado para sempre, e o que sempre se pressagia sob a questão da Saudade; porque sempre a Saudade traduz uma particular – vivencial, artística ou literária – experiência do tempo, emanando para a própria ordem do tempo.

Porém, lembremos:

Não se granjeiam energias no passado; é esse um erro de cronologia e uma reversão da ordem lógica: *as energias vêm primeiro do presente*; e quando sentimos energias novas criamos um Deus ou herói propício à nossa imagem e semelhança; criamos um mito projectado no passado ou na eternidade, onde as energias actuais se transpõem heroicizadas...²⁸⁵

São palavras de António Sérgio. Palavras justas e, ressaltando a consideração para com o autor com quem polemiza, bem ajustadas às energias deste nosso presente, nas suas infestações populistas e outros tantos processos de *heroicização* passadista. Mas admitamos, ao mesmo tempo, que pontuam um confinamento da ideia de experiência rigorosamente irreduzível à visitação da Saudade como movimento, como torção do tempo, como rebelião metafísica contra a planura das coisas. Sempre a Saudade transgride uma métrica, um critério, o fiel de uma balança desavinda ao seu cabimento poético ou existencial, a ser preservado *sempre*.

²⁸⁴ PASCOAES, Teixeira, «O Saudosismo e a «Renascença»», in: T. PASCOAES, *A saudade e o saudosismo*, Assírio & Alvim, Lisboa 1988, pp. 59-61, cf. p.60. É Pascoaes quem coloca a frase em itálico, com letras capitais em «Lembrança» e em «Desejo».

²⁸⁵ SÉRGIO, António, «Regeneração e Tradição, Moral e Economia», in: T. PASCOAES, *A saudade e o saudosismo*, op. cit., pp. 111-120, cf. p. 116.

Desde logo a medida do tempo, o tempo como medida e mais do que isso. «Todos somos uma hora da nossa vida», escreve Pascoaes. E exemplifica, numa repetição que sublinhamos:

Há criaturas felizes que passam a ser para sempre a hora do seu noivado. Há outras que ficam a ser para sempre a hora da sua maior desgraça; e há os heróis que ficam a ser, em mármore ou bronze, a hora da sua morte...²⁸⁶

Sempre para sempre... Repetição reclamada ou desejo - *novo, de velha lembrança* -, sendo esse desejo o motor móvel de um tempo habitado, intenso, possivelmente tumultuoso no conflito entre a hora - essa que é - e a eternidade, a invisível medida da luta com o tempo: «O tempo estagnado em abismáticas funduras»²⁸⁷.

Mas não apenas o tempo, também a espacialização do tempo na *descoberta* da distância. Porque a Saudade quebra o dualismo presença-ausência. Irrompe nesta polarização precisamente quando traz à experiência o registo da ausência, questionando a «função da consciência saudosa e da Saudade em si mesma»²⁸⁸, podendo fazê-lo de múltiplas formas. Podendo até – *sempre a Saudade!* – colocá-la como excedência, razão de distância e, como tal, relação que como distância se formula, evidenciando a sua necessária irredutibilidade a unidade de medida e de razão.

Sempre a Saudade! Não está adquirida a medida deste *sempre*. O instante, o momento presente, é o tempo que se nos impõe à passagem; é o próprio tocar do movimento do tempo. Depende de uma interpelação para além da qual apenas há o turbilhão indefinido das horas, o mar da Eternidade, «oceano pacífico e profundo, de águas negras, onde as horas nadam e cintilam». A persistência do instante é a força da sua imposição, da sua queda na experiência, do movimento do tempo para nós, do tempo do novo, *novamente*. De «Sempre a Saudade!», passa-se à sua exclamação consecutiva:

«- *Novamente a Saudade!*»

II – Novamente a Saudade!

A Saudade, *de novo!* Viajemos.

²⁸⁶ PASCOAES, *O Bailado*, op. cit., p. 52.

²⁸⁷ PASCOAES, *O Bailado*, op. cit., p.53.

²⁸⁸ NORONHA, Maria Teresa, *A Saudade. Contribuições fenomenológicas, lógicas e ontológicas*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 2007, p. 263.

Numa das suas recorrentes imprecções à natureza, Baudelaire perspectiva o confronto entre o artista e os elementos naturais. Deste confronto, fatalmente, o artista acaba derrotado. Sempre a natureza leva a melhor. A estética - que não apenas o «estudo da beleza», tal como surge no texto do *Spleen de Paris* - é um duelo condenado ao fracasso em que o artista «grita de pavor antes de ser vencido»²⁸⁹. Baudelaire retrata-nos um cenário psicológico de intensidade crescente, de uma natureza que pensa a partir da sua própria existência de forma musical e pitoresca – sem argúcias, sem silogismos, sem deduções – numa mediação poética com consequências. O sentencioso culminar é precedido, de forma novamente contundente, pela impressiva descrição de um final de dia de Outono, da imensidade do céu e do mar, perante os quais se torna evidente que «não há ponta mais acerada que a do infinito»²⁹⁰.

Para Baudelaire esta paz contemplativa resulta em exasperação, na fragilidade vulnerável à esmagadora indiferença dos elementos. Revolta, revolta estética ou, como dirá Walter Benjamin ao visitar esta passagem, a «experiência do choque» no coração do trabalho artístico²⁹¹, o «choque como princípio poético em Baudelaire»²⁹².

Trata-se de um princípio conflitual de criação - princípio aberto, no caso de Baudelaire -, mas que diz respeito à forma ilógica («sem argúcias, sem silogismos, sem deduções»²⁹³, repitamos com o autor de *Flores do Mal*), longe da balança e dos ponteiros do compasso, como dirá Pascoaes em *O Homem Universal*²⁹⁴. Entre os dois irreduzíveis autores, comum, *malgré tout*, ao parisiense moderno e ao druida do Marão, o tráfego de pensamento entre o Eu e as coisas, o modo conflituante desta relação, o alogismo em que se manifesta: como musical e pitoresco em Baudelaire, como *estado musical* que, como diz Pascoaes na primeira pessoa, «me faz vibrar ao contacto das cousas»²⁹⁵.

E estamos *novamente* na Saudade. A Saudade *de novo*.

A relação humana com as coisas, com o aparentemente inerte, dá-se em Pascoaes a partir do conceito de *excedência*, que adquire na meditação da sua escrita uma acepção *cósmica*,

²⁸⁹ BAUDELAIRE, C., «O Confeiteiro do Artista», in: Charles BAUDELAIRE, *O spleen de Paris. Pequenos poemas em prosa*, Relógio d'Água, Lisboa 1991, p.14

²⁹⁰ BAUDELAIRE, *O spleen de Paris. Pequenos poemas em prosa*, op. cit., p. 13.

²⁹¹ BENJAMIN, W., «Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire», in: Walter BENJAMIN, *A modernidade*, (Obras escolhidas de Walter Benjamin), Assírio & Alvim, Lisboa 2006, pp. 103-148, cf. p. 113.

²⁹² BENJAMIN, «Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire», op. cit., p. 167.

²⁹³ BAUDELAIRE, *O spleen de Paris. Pequenos poemas em prosa*, op. cit., p. 13.

²⁹⁴ PASCOAES, Teixeira de, *O homem universal e outros escritos*, Assírio & Alvim, Lisboa 1993.

²⁹⁵ PASCOAES, *O Bailado*, op. cit., p. 14.

antropológica e estética. A excedência preside à mutabilidade num sentido orgânico e cósmico, repercute-se na sociedade e no tempo histórico, adquire um sentido vivencial na bailada formulação da existência humana como ambígua hesitação entre limite e *ilimite*. A arte resulta desta contradição e deste excesso, depende dessa excedência e nela se cria e alimenta, «resultando de um movimento duplo de aproximação e afastamento da realidade»²⁹⁶. Um bailado, pois, no contacto com as coisas e com a natureza e na tensão que é o desejo da sua excedência.

A tarde outonal de Pascoaes, ao contrário da de Baudelaire, surge em *O Bailado* como uma cena iniciática. Uma tarde de novo nascimento em que o renascer se dá como um cântico de Saudade, um instante, um momento no tempo que revisita, como música ouvida, os tempos do poeta como «reflexão desse crepúsculo», o ressoar do «íntimo canto que [nas coisas] jaz adormecido»²⁹⁷.

Esse momento iniciático que circunda o instante da Saudade é o momento inaugural de muitas origens, onde sempre a Saudade recria, recomeça, esgrime as evidências em direcção a um bailado de sombras, de desfiguração, de formas provisórias em perpétuo movimento. Daí que surpreendamos, particularmente em *O Bailado*, a insistência num discurso de origem, uma *arké* ensaiada e imediatamente suprimida, mas cristalizada na extremidade contundente do esqueleto, da caveira, da saliência óssea esculpida de fragas e de penedias. O duelo exerce-se no bailado entre a realidade e o sonho... mútuo acordo, diz Pascoaes: «o *sonho quase realidade* e a *realidade quase sonho*»²⁹⁸.

Em Baudelaire, o grito de pavor cumpre o destino conflitual do artista; em Pascoaes, em *O Bailado*, «toda a obra de arte é um protesto contra a Morte»²⁹⁹ – efectivo, porque sobrevivente.

Vem na *vez*, na *outra e nova vez da Saudade*.

III - Outra vez a Saudade!

Retomemos então a nossa epígrafe: o sorriso que foge, a luz da eternidade, a vez de uma *outra vez*. De cada vez, a Saudade sobressalta a experiência de forma movente e fugidia; a vez de uma outra vez. Agindo poeticamente sobre o tempo, a Saudade reflecte uma experiência de movimento e de passagem, uma desestabilização do tempo sucessivo que, em *O Bailado*, desfila por sobre a ponte

²⁹⁶ TEIXEIRA, Dulcínea, *Poesia e Filosofia no pensamento de Teixeira de Pascoaes*, Dissertação de Mestrado, Braga 1998: Instituto de Letras e Ciências Humanas, p.81,

²⁹⁷ PASCOAES, *O Bailado*, op. cit., pp. 13-14.

²⁹⁸ PASCOAES, *O Bailado*, op. cit., p. 35.

²⁹⁹ PASCOAES, *O Bailado*, op. cit., p. 27.

de S. Gonçalo à passagem das horas vivas, «feitas de todos os séculos que morreram»³⁰⁰. E, outra vez, trata-se de uma interpelação, de uma visitação, de um golpe contundente que rasga o lençol da eternidade num único instante – ainda que esse instante pulverizado de eternidade se contorne e se faça acompanhar de tudo o que o excede.

Interrompe-se a quietude do cenário com um movimento. Ele impõe-se de forma soberana   percepção imediata, entregando vida aos objectos e dinamismo às coisas. Trata-se de uma danç , de um bailado. Começa no mistério das intuições e impõe-se como uma quase-intuição de tudo. Todo o cenário, na verdade todo um palco existencial, como que desperta numa epifania que se ultrapassa e se emancipa do reinado das evidências. Precisemos: a evidência solitária de tudo surge do seu próprio mistério, desperta pela irrupção da danç . Surge então a danç  como temor, tremor, desassossego.

No tom da nossa epígrafe, potencialmente seguida por todo o cortejo de sombras inquietadas em Pascoaes, o sorriso voa, pausa, entenece numa danç  de ausências – e toda a danç    uma possível oração do corpo para o seu regresso. A sua chegada irradia do silêncio das coisas, como   da quietude do palco que arranca o bailado. Aqui reside um dos possíveis encontros entre uma  tica, enquanto *experiência de habitação*, e uma est tica, enquanto *forma sensivel de interpelação*, porque são precisos olhos e ouvidos capazes de *ver a invisibilidade* e *escutar o silêncio*. Pascoaes di-lo com todas as letras: «A questão é ter ouvidos onde o silêncio se faz voz e ter uns olhos onde o invisível se veste de aparências»³⁰¹.

Qual o estatuto da invisibilidade face ao pensamento? E face ao poema? Como pensamento e poema se confrontam com as coisas que traduzem, que transportam, em que repousam? Viajemos, uma vez mais.

Dedicando-se a pensar uma contemporaneidade que entendia como desenraizada, sem solo, volátil e insegura, Heidegger avança – num texto onde também a música está em causa – para a distinção entre «pensamento como cáculo» e «pensamento como meditação»³⁰². Trata-se de um texto curto mas importante, em que não apenas se alerta para as consequências da escalada da tecnocracia na «idade at mica» como se marca a necessidade em assumir uma alternativa meditativa, atenta  

³⁰⁰ PASCOAES, *O Bailado*, op. cit., p. 119.

³⁰¹ PASCOAES, *O Bailado*, op. cit., p. 43.

³⁰² HEIDEGGER, Martin, «S r nit », in: M. HEIDEGGER, *Questions (III et IV)*, Gallimard, Paris 1996, pp. 131-148, cf. p.137.

profundidade do que nos é próximo³⁰³. Heidegger, reclamando um outro enraizamento no mundo, apelando na sua ontologia hermenêutica para a abertura ao segredo das coisas, perspectiva uma espécie de horizontalidade na relação com o mundo, uma *vizinhança com o mundo no mundo*, que classificará, no sentido de toda uma tradição filosófica, como «serenidade», «igualdade da alma», *Gelassenheit*³⁰⁴.

Trata-se de uma certa devolução da temporalidade a si mesma, um ritmo devolvido a cada ritmo do universo, «uma espécie de serena impassibilidade», uma «aguda insensibilidade (...) capaz de vibrar a tudo precisamente por causa deste fundo de indiferença que expõe qualquer diferença»³⁰⁵. A tradição da *Gelassenheit*, entre Mestre Eckhart e Heidegger, é assim lida e desconstruída por Jacques Derrida, que nota também o modo como esse «recoo sem abandono» que acalenta e sustenta resta, em benefício da filosofia e em prejuízo da escrita como experiência, no domínio da horizontalidade e da possibilidade, aí onde a impossibilidade do amor, da literatura, do eventual desarranjo da Saudade face ao tempo deixa de ser possível³⁰⁶. Voltando ao nosso *Bailado* e a essa espécie de competência visual e auditiva que Pascoaes reclama, um novo duelo entre a aparente imobilidade do tempo³⁰⁷ e o sobressalto do luar que nos visita quase se nos impõe à leitura. Porque esse protesto insistente de Pascoaes contra o peso gravítico da lógica, esse tom por vezes inflamado contra os detractores oficiais do absurdo, corresponde à reivindicação do movimento da Saudade para o coração do pensamento, perturbando o plano ideal de correspondência entre o pensamento e a quietude das coisas.

Torna-se legível a partir daqui também a distinção entre «aparência» e «aparição», em que a superficialidade da primeira se ultrapassa no surgimento da segunda, cuja intimidade se deixa transportar na força da palavra³⁰⁸, na vez da Saudade do tempo.

A vez da Saudade é o tempo pleno interrompido, o instante sem *gelassenheit*, sem serenidade, na busca de uma outra meditação de que a escrita é voz e movimento. Novamente, a Saudade é a vez da Saudade, a soberania do instante da Saudade, outra vez a Saudade – o sorriso de luz pousando-nos na face e repensando por inteiro o tempo do nosso tempo. A Saudade é uma aprendizagem dos fantasmas moventes pelos corredores da razão anoitecida.

³⁰³ HEIDEGGER, *Questions (III et IV)*, op. cit., p.144.

³⁰⁴ HEIDEGGER, *Questions (III et IV)*, op. cit., p.145.

³⁰⁵ DERRIDA, Jacques, *Sauf le nom*, Galilée, Paris 1993, pp. 90-91.

³⁰⁶ DERRIDA, *Sauf le nom*, op. cit., p. 91.

³⁰⁷ PASCOAES, *O Bailado*, op. cit., p. 48

³⁰⁸ CARVALHO, Joaquim de, *Reflexões sobre Teixeira de Pascoaes*, Edições do Tâmega, Amarante, 1991.

Outra vez a Saudade! A constatação da repetição nesta «outra vez» reclama-se como vez de uma única vez, de uma primeira vez de cada vez inaugural: do sorriso que nos poussa na face uma e outra vez. Nada se mimetiza, nada se repete fielmente, cada sorriso extingue-se e reacende-se na vez de uma única vez. Sempre, novamente e outra vez.

Final

«- *Sempre a saudade, novamente a saudade, outra vez a saudade!*»

A tripla afirmação poderia ser procedida ou sucedida pela obsessiva epígrafe de O Bailado, revolteando insistentemente pelas margens desta fala: «Um sorriso foge, voa, percorre o espaço; e, com as asas pulverizadas de luz eterna, poussa-nos na face, outra vez.»³⁰⁹.

Enxameando o discurso, numa rasura corajosa ao reinado absoluto da explicação e do conceito, Pascoaes esclarece a dimensão existencial do seu bailado

A vida é variedade, loucura, um incêndio multicolor, iluminando as concavidades do Infinito, onde os Deuses, que eram de sombra, se vestem de claridades vivas e carnisais.

A vida é um incêndio. As suas labaredas são almas num frenético bailado. Dançam – e os seus movimentos resplandecem; batem as palmas que se abrasam, e as suas canções refulgem como estrelas.³¹⁰

De uma labareda nada se capta, a não ser a substância imaterial que dela emana. Ela é por isso movimento e passagem, forma incaptável sem perfil definitivo, repetição contingente e desejada. O bailado é movimento e Saudade precisamente aí, onde a sua capacidade transfiguradora desafia a imobilidade figurada das coisas e dos seres. O bailado é fuga, voo, pouso e regresso. Por isso mesmo corresponde-se intimamente com a musicalidade que o envolve, «afinação musical da melancolia, da sombra e do luar»³¹¹ escutada por Pascoaes na voz nocturna dos mochos; ou *estado musical*³¹² que confessa ter adquirido no instante do seu segundo nascimento, instante inaugural da Saudade. E é o tom incaptável das vozes nocturnas ou dos corpos solares que nutre *sempre, novamente e outra vez a Saudade*.

³⁰⁹ PASCOAES, *O Bailado*, op. cit., p. 49.

³¹⁰ PASCOAES, *O Bailado*, op. cit., p. 11.

³¹¹ PASCOAES, *O Bailado*, op. cit., p. 19.

³¹² PASCOAES, *O Bailado*, op. cit., p. 14.

A Saudade, «ausência que vivemos de nós próprios»³¹³, é o nome de uma viagem de silêncios, de uma escuta de silêncios, uma estranha dança volátil de que só a música é materialização possível. A experiência da ausência, a ausência experimentável repete-se, de cada vez nova como o ressoar de uma nota arrancada à partitura. A singularidade filosófico-literária da Saudade reside aí: no reordenamento do tempo e do espaço a partir de uma ausência ressoante e desejada, arrancada à noite do mundo, rebelde à categorização lógica e à delimitação conceptual; *espectro, bailado ou labareda*, diria Pascoaes; *Sempre, novamente e outra vez*, diríamos nós.

Pousa-se o olhar teimoso numa epígrafe:

«Um sorriso foge, voa, percorre o espaço; e, com as asas pulverizadas de luz eterna, pousa-nos na face, outra vez.»

Viagens da saudade... Poderemos transportar um sorriso? A vida inteira ou mesmo para além dela? Poderemos sustentar num sorriso, na sua fragilidade, no seu movimento e teimosa musicalidade o peso de um dia? O peso de todo um mundo? O peso e todo um outro pensamento de um outro mundo?

Calaremos a resposta. Mas, ante a seriedade do mundo, façamos jus a essa primeira forma de oração: *dancemos ainda*.

Referências bibliográficas

- BAUDELAIRE, Charles (1991), «O Confeiteiro do Artista». In: BAUDELAIRE, Charles, *O Spleen de Paris. Pequenos Poemas em Prosa*, Lisboa: Relógio d'Água, pp. 13-14.
- BENJAMIN, Walter (2006), «Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire». In: BENJAMIN, Walter, *A Modernidade (Obras escolhidas de Walter Benjamin)*, Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 103-148.
- CARVALHO, Joaquim de (1991), *Reflexões sobre Teixeira de Pascoaes*, Amarante: Edições do Tâmega.
- DERRIDA, Jacques (1993), *Sauf le Nom*. Paris: Galilée.
- GALEANO, Eduardo (2018), *As Palavras Andantes*, Lisboa: Antígona.
- HEIDEGGER, Martin (1996), «Sérénité». In: HEIDEGGER, Martin, *Questions (III et IV)*, Paris: Gallimard. pp. 131-148.
- NORONHA, Maria Teresa (2007), *A Saudade. Contribuições Fenomenológicas, Lógicas e Ontológicas*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- PASCOAES, Teixeira de (1987), *O Bailado*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- PASCOAES, Teixeira de (1988), «O Saudosismo e a «Renascença»». In: PASCOAES, Teixeira de, *A Saudade e o Saudosismo*. Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 59-61.
- PASCOAES, Teixeira de (1993), *O Homem Universal e outros escritos*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- SÉRGIO, António (1988), «Regeneração e Tradição, Moral e Economia». In: PASCOAES, Teixeira de, *A Saudade e o Saudosismo*, Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 111-120.
- TEIXEIRA, Dulcínea (1998), *Poesia e Filosofia no pensamento de Teixeira de Pascoaes*. Dissertação de Mestrado. Braga: Instituto de Letras e Ciências Humanas.

³¹³ PASCOAES, *O Bailado*, op. cit., p. 44.

